

TRAJETÓRIA DA REVISTA SEIVA (1938-1943)

Daniela de Jesus Ferreira¹

RESUMO: A sobrevivência do Comitê Regional da Bahia após a forte repressão do Estado em 1935 contribuiu para que alguns comunistas baianos enveredassem pelo caminho das letras através da articulação e produção de uma revista ainda pouco estudada, e que foi relevante para a afirmação dos comunistas baianos. A revista Seiva circulou entre 1938 e 1941. Tornou-se a primeira Revista antifascista a circular no cenário do Estado Novo, por isso, teve a princípio característica literária. Ao longo das 18 edições a Revista reverberou mesmo que não abertamente o sentido de luta, a defesa do nacionalismo, o combate ao imperialismo e a importância dos intelectuais na libertação dos povos da América. Através da diversidade dos textos, a Seiva discutiu o negro na Bahia e Brasil, o materialismo dialético, a situação operária, a cultura e os conflitos de seu tempo.

Palavras-chave: Imprensa, América, antifascismo.

A revolução russa de 1917 e seus efeitos ao longo dos anos posteriores foi um dos fatores que motivaram um maior interesse dos brasileiros pelo comunismo e por estudos associados à dinâmica da sociedade brasileira em grande efervescência. A década de 1930 teve seu apogeu tanto das lutas sociais quanto na produção de materiais teóricos e de propaganda pelos comunistas.

Neste processo, os baianos estiveram envolvidos fossem em ações individuais ou coletivas, atuando no âmbito nacional quanto regional. Por isso, conhecer os comunistas baianos através de suas produções é relevante, pelas reflexões que fizeram do seu tempo e que ficaram guardadas em materiais impressos, como as revistas. Assim, o estudo da revista, enquanto mecanismo de produção cultural, aglutinadora de intelectuais, facilitadora da circulação das ideias políticas torna-se uma fonte importante para o conhecimento dos homens, de suas trajetórias e dos grupos sociais. Principalmente por acreditar que uma história preocupada com as ideias não pode perder de vista sua interlocução com a trajetória dos homens e das mulheres, as relações sociais devem ser levadas em consideração. Esta história deve ainda preocupar-se com a intertextualidade, com as diversas leituras realizadas do texto relacionadas ao seu contexto, do sujeito que a produziu. Em síntese, deve preocupar-se com a recepção do material exposto, divulgado, propagado.

Relevante nos nossos estudos sobre os intelectuais, já que entendo os articulistas da *Seiva* como tais é que a concepção formulada pelo italiano Antonio Gramsci é importante. Pois, Gramsci concebe todos os homens como intelectuais, conquanto, com características de classe. Ou seja, não existe possibilidade de qualquer atividade humana sem atividade intelectual. Para Gramsci, todo ser humano “desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um filósofo, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção de mundo, possui uma linha consciente de conduta moral”².

Esta forma de perceber o intelectual auxilia a análise dos integrantes do Partido Comunista do Brasil e de suas ideias. Já que o debate de ideias foi fundamental para o desenvolvimento do PCB o qual, desde sua formação teve dificuldades em afirmar-se ideologicamente fosse por sua “herança anarquista” fosse pelo seu “pouco envolvimento com o marxismo”. O relacionamento com a teoria foi motivação de vários estudos e muitas polêmicas entre os integrantes do Partido e para aqueles que se preocuparam em conhecê-lo, estudá-lo, reconhecer e compreender seus influxos teóricos que moldaram as formas de pensar e agir dos comunistas.

Essas ideias que os comunistas brasileiros produziram não estavam isoladas ou surgiram do nada, mas eram adequadas a uma época à sua temporalidade. Dessa forma, os textos que chegavam às suas mãos tanto os que os mesmos produziam não estavam isentos de intenções e motivações. João Falcão comentou como a leitura de V. Lênin foi importante para sua formação e proposição da Revista. Por isso ao tratar dessa problemática Chartier faz um alerta para que não caiamos no erro de separar as ideias das vivências:

Por isolar as ideias ou os sistemas de pensamento das condições que autorizavam sua produção, por separá-las radicalmente das formadas da vida social, esta história desencarnada instituiu um universo de abstrações onde o pensamento parece não ter limites já que não tem dependências³.

A repercussão das ideias sempre foi fundamental para a sua manutenção e reprodução. Elas só passam a ser instigantes a partir do momento em que e se espalham e se proliferam; sozinhas elas não se “reproduzem” e não devem ser analisadas. As palavras voam e pousam, pedem passagem, propagando ideias concretas e abstratas com difícil imparcialidade mesmo que nem todos confirmem objetividade. Seria inocência acreditar que as ideias são neutras, e que não oferecem diversos mecanismos de apropriação dependendo da forma que são divulgadas. Estimulando atitudes e anseios, despertando mentes adormecidas.

Destarte, a revista *Seiva* é a fonte central deste trabalho. Dados provenientes desta fonte permitem entender o mundo que rodeava os articulistas da *Seiva* em seus aspectos sociais e políticos. Contribui também, para uma melhor análise a memória escrita por João Falcão, *O partido comunista que eu conheci: 20 anos de clandestinidade; A história da revista Seiva: primeira revista do Partido comunista do Brasil – PCB*, também de autoria de João Falcão. Como, *Jacinta Passos: Coração militante*, que traça o perfil da poetisa comunista, escrito por sua filha a historiadora Janaína Amado e a livro *Castro Alves*, de Edson Carneiro, por nos ajudar a compreender a influência e visão que possuíam os comunistas baianos sobre o poeta.

A sobrevivência do Comitê Regional após a forte repressão do Estado no governo Getúlio Vargas em 1935 contribuiu para que alguns comunistas baianos enveredassem pelo caminho das letras através da articulação e produção de uma revista ainda pouco estudada e que foi de grande relevância para afirmação dos comunistas baianos e como meio de divulgação de uma literatura “subversiva”.

A criação da revista foi motivada por João Falcão, natural de Feira de Santana/BA que foi o precursor da ideia, e levada para os demais integrantes do grupo na Bahia. O projeto foi aprovado e colocado em prática, houve todo um empenho e estratégia para sua realização. Os comunistas a esta altura não poderiam ficar omissos, esta seria uma boa oportunidade para intervirem de alguma forma e sem muitas suspeitas, em meio à situação caótica do cenário brasileiro. Por isso, o efeito criado pela possibilidade e efetividade real da revista revigorou ânimos e motivou paixões. Segundo João Falcão

Concorreu bastante para essa ideia a leitura sobre a vida e a ação de Lênin na Rússia. Sob a mais difícil clandestinidade e perseguição do regime czarista, ele jamais deixou de debater e levantar os problemas teóricos da revolução Russa, mesmo no exílio, valendo-se para isso, de revistas e jornais clandestinos. O exemplo do *Classe Operária*, jornal ilegal do PCB que circulava há 13 anos, enfrentando todos os percalços, estimulava o projeto fascinante⁴.

O nome da revista foi sugerido por Armênio Guedes, ela chamar-se-ia *Seiva*. Tornou-se a primeira revista antifascista a circular no cenário do Estado Novo. Para driblar a censura que proibia e vistoriava toda e qualquer ação tida contrária às posições do governo o periódico teve a princípio característica literária. Além de ser escrita por articulistas comunistas e não

comunistas favorecendo a sua circulação, condição para sua existência e que prevaleceu até o fim. Segundo João Falcão,

A primeira edição da *Seiva* esgotou-se, tendo alcançado grande repercussão nos meios intelectuais e literários de Salvador, e maior ainda nos círculos oficiais. O chefe da censura local, que aprovara toda a matéria a ele submetida previamente, depois de vê-la impressa em letra de forma levou um susto. A revista apresentava-se forte e livre demais para o gosto do regime. Mas, como os escritores baianos que nela figuravam eram bastante conhecidos, o Dr. Enéas Torreão Costa, censor do DIP, nos aconselhou, recomendando que tivéssemos mais cuidado no próximo número, para não criar problemas para ele e, pior, para nós⁵.

A Revista teve 18 edições publicadas ao longo da sua primeira fase que perdurou de 1938 a 1943, quando foi empastelada em julho de 1943 pelo Estado Novo. Deixou então de circular, só retornando em 1950 com novas características e mesmo assim com outra roupagem.

Ao longo das 18 edições seus articuladores utilizaram de textos e reproduções de autores como Michael Golde, Upton Sinclair e Máximo Gorki. Autores como Victor Hugo, Castro Alves, Lima Barreto, Euclides da Cunha, Pablo Neruda tiveram seu espaço garantido na Revista. Através da revista *Seiva*, identificamos como intelectuais a exemplo de Lima Barreto, Euclides da Cunha, e o poeta Castro Alves, foram exaltados e se tornaram exemplos a serem seguidos. Comunistas baianos como Jacob Gorender, João Falcão, Jorge Amado apropriaram-se da imagem e dos poemas de Castro Alves para entender o Brasil, e para ganhar fôlego nas lutas.

A Revista reverberou, mesmo que não abertamente, o sentido de luta, a defesa do nacionalismo e o combate ao imperialismo. Assim, como convocou os intelectuais, a assumirem sua missão na defesa da América e de sua libertação. O primeiro número lançado em 1938 chamava a atenção para isso, com a “*Mensagem aos intelectuais da América*”, qual a unidade americana, o coletivismo do seu povo libertaria o continente de todos os seus males. Um excerto do editorial:

Quando do outro lado do Atlântico o ódio e a discórdia cavam barreiras profundas entre os povos, *Seiva* surge com o propósito de unir a inteligência de toda a América em um largo abraço de amizade e compreensão. A mesma disposição de defender a dignidade do pensamento e a civilização contra a onda avassaladora do barbarismo solidariza todos os intelectuais honestos do universo, especialmente os da América, reduto invencível da paz, mas que se levantará como um só homem contra o que ouse desrespeitar o solo de

qualquer das suas livres nações. Para essa tarefa de tornar cada vez mais real a cordialidade entre os povos e resguardar o pensamento humanos que conta eles se vão preparando, numa proporção assustadora, urge a união de todos os homens da America, para onde se volve a cobiça dos imperialistas expansionistas, união que deve ser começada pelos seus intelectuais, defensores natos da cultura e do progresso da humanidade. SEIVA tem, portanto, as suas colunas abertas a todos os escritores da América que simpatizem com essa orientação e queiram contribuir com sua inteligência e a sua boa vontade para a aproximação de todas as nações americanas, pelo trabalho sincero e desinteressado de seus homens de pensamento. É animada desse espírito que SEIVA dirige sua mensagem de simpatia, de admiração e de fraternidade a todos os escritores da America, até onde possa chegar, mensagem que é um reflexo de simpatia, da admiração e da fraternidade com que olha e deseja sempre olhar os povos a que eles pertencem⁶.

Através da diversidade dos seus textos, a *Seiva* discutiu o negro na Bahia e Brasil, o preconceito racial, o materialismo dialético, a situação operária, a situação feminina, a cultura e os conflitos internacionais de seu tempo. Na *Seiva* várias revistas foram divulgadas, tanto estrangeiras quanto nacionais. Alguns desses periódicos eram influenciados por comunistas. Entre as anunciadas na *Seiva* estavam às revistas:

Democráticas e antifascistas que circulavam no país como *Problemas*, dirigida por Arnaldo Pedroso d'Horta e Arnaldo Serroni, de São Paulo; *Diretrizes*, dirigida por Samuel Wainer e por sua mulher Bluma Wainer; e a *Revista Acadêmica*, por Murilo Miranda e Moacyr Werneck de Castro, Rodrigues de Miranda e Alfio Ponzi, de Pernambuco; *Cultura*, dirigida por Afonso Schmidt, de São Paulo; *Esfera* por Maria Jacintha Silva de León Chalreo, Aureo Ottoni e Frederico R. Coutinho; *Alagoas*, por Afrânio Melo; e *Dom Casmurro*, Hebdomadário pelo que eram responsáveis Brício de Abreu, Marques Rabêlo, Joel Silveira e Danilo Basto, do Rio de Janeiro⁷.

Inseridos em um processo histórico que demandava intervenção e conhecimento, os baianos que produziam a *Seiva*, investiram em um aprofundamento da luta nas condições objetivas que possuíam e não refutaram as influências que receberam e as dificuldades que encontraram. Transformaram as leituras de Castro Alves, de Lima Barreto e Euclides da Cunha, na mais alta literatura subversiva e completa de incentivos e exemplos para a continuidade da luta. Através deles enxergaram um Brasil dependente e explorado que poucos souberam cantá-lo e interpretá-lo como deveria, e como realmente existia. *Os Sertões* de Cunha, os poemas de Alves, os textos atraentes e fortes do funcionário público Lima Barreto tido como louco pelas autoridades, foram leituras que proporcionaram e contribuíram para formação política e intelectual dos comunistas.

A *Seiva* e sua dinâmica foram responsáveis por este amadurecimento e florescimento de um viver e ser comunista nas Terras de Todos os Santos, em um momento de fechamento político. Um mostrar-se, um fazer-se, um refazer-se constante, onde as aspirações e o sonho de um mundo mais justo era a única coisa que não mudava, só crescia, e o envolvimento com o socialismo que parecia distante, passou a ter mais crédito e possivelmente realizável.

NOTAS

¹Daniela de Jesus Ferreira. Mestranda em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana/UEFS.

²GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 4º Ed Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982. p. 7.

³ CHATIER, Roger. *A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre. UFRGS. 2002. p. 28.

⁴ FALCÃO. João. *A história da revista Seiva-primeira revista do Partido Comunista do Brasil*. Ponto e Vírgula, Salvador, 2008, 1º edição. p. 7

⁵ FALCÃO. João. *O Partido Comunista que eu conheci: 20 anos de clandestinidade*. Salvador. Contexto & Arte Editorial. 2º edição. 2000. p 47.

⁶ *Seiva* nº 1, Salvador, Bahia. Dezembro, 1938. p. 18.

⁷ FALCÃO. João. *A história da revista Seiva: primeira revista do Partido Comunista do Brasil-PCB*. Ponto & Vírgula Publicações. Salvador. 2008. p. 14.